

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : U GlosaCLASS. : YanomamiDATA : 19 07 96PG. : 9

Collor faz segunda visita a Roraima

LÚCIA TORIBIO

BOA VISTA, RR — Na sua segunda visita oficial a Roraima, amanhã, o Presidente Fernando Collor vai constatar a ineficiência da estratégia adotada pelo Governo para proteger os índios yanomamis. A explosão das pistas de pouso clandestinas, determinada pelo Presidente em março, não reprimiu a ação dos garimpeiros na área indígena e, em alguns casos, agravou o problema de saúde e falta de assistência aos índios. As informações oficiais são de que a destruição das pistas prosseguirá em agosto, mas todos os órgãos de Governo envolvidos — Secretaria Nacional do Meio Ambiente, Departamento Nacional de Produção Mineral, Funai e Polícia Federal — são contra novas explosões.

Para começar a cumprir a determinação do Presidente Collor, as Forças Armadas e a Polícia Federal utilizaram 675 quilos de explosivos e gastaram Cr\$ 41 milhões para destruir 14 das 129 pistas clandestinas existentes em território indígena. Pelo menos três delas — Xiriana, Maracanã e Rainha do Inajá — já foram recuperadas e operam normalmente. Muitas das pistas desativadas são utilizadas para lançamento aéreo de suprimentos para garimpeiros, e os buracos provocados pelas explosões, alagados pelas chuvas, se transformaram em criadouros do mosquito da malária.

— A explosão das pistas só daria resultado se fossem destruídas

todas de uma vez porque os garimpeiros não teriam onde se apoiar para fazer a recuperação. Como foi feito, eles pousam em uma que ficou intacta e caminham até as que interessa recuperar — constata o Superintendente da Funai em Roraima, João Carlos Nicolli Soares.

O garimpo também prossegue nas imediações dos campos de pouso que foram entregues para a Funai, em Paapiú e na pista do Jeremias, onde o posto da Fundação foi desativado há dez dias por falta de segurança para os funcionários. Lá pousam os aviões que abastecem de gêneros alimentícios e óleo diesel cerca de 280 homens que trabalham na área, e têm sido frequentes os conflitos entre índios, garimpeiros e funcionários da Funai. Para agravar a situação, o órgão ainda perdeu o contato direto com as comunidades indígenas, pois seus quatro intérpretes foram postos em disponibilidade pela reforma administrativa.

Só em torno da pista do Jacaré, na região do Alto Parima, próximo à fronteira com a Venezuela, 2 mil garimpeiros exploram ouro dentro da reserva indígena. Desde o início do ano, quando começou a operação de retirada, a pista estava protegida por uma liminar concedida pelo Justiça de Roraima e derrubada semana passada, em Brasília, pela Justiça Federal. Agora o Superintendente Regional da Funai acredita que será necessária uma grande mobilização policial para garantir a saída desses homens.